Homenagem a

Carlos Maia Teixeira

Folques

10 de Junho de 2026

Ao Carlos Teixeira – Um Homem Plural e Humanista

Conheci o Carlos Teixeira algures por 2009, era ele Presidente da Concelhia do PS de Arganil e uma comitiva de Oliveira do Hospital, foi a um jantar organizado pela concelhia de Arganil.

Logo aí deparei com um homem afável, que sorria também com o olhar, mas, igualmente, firme nas suas convicções e de fácil e perspicaz oratória.

Voltei a reencontrar o Carlos, em 2014, na Editorial Moura Pinto, e aí encontrei um querido e fraterno amigo e um mestre para a vida.

Mais do que exercer profissões ou cultivar paixões, o Carlos foi um homem plural. Médico, Poeta, fotógrafo, político, habitava todas estas esferas com a mesma naturalidade e entrega.

Na medicina, o seu cuidado ia muito além da ciência, era um exercício diário de empatia e humanismo. Nas suas poesia e prosa, usava as palavras para traduzir o que lhe ia na alma. Na fotografia, através da sua lente atenta, capturava a dignidade humana e os instantes que a pressa do mundo teima em querer apagar.

A vocação natural do Carlos, para servir o outro, levou-o a colaborar ativamente com diversas instituições locais e sociais ao longo da sua vida. Serviu sempre a comunidade sem pretensões e sempre movido apenas pelo sentido de dever e solidariedade.

O Carlos teve sempre uma bússola moral. Foi um eterno amante e defensor dos valores universais da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade.

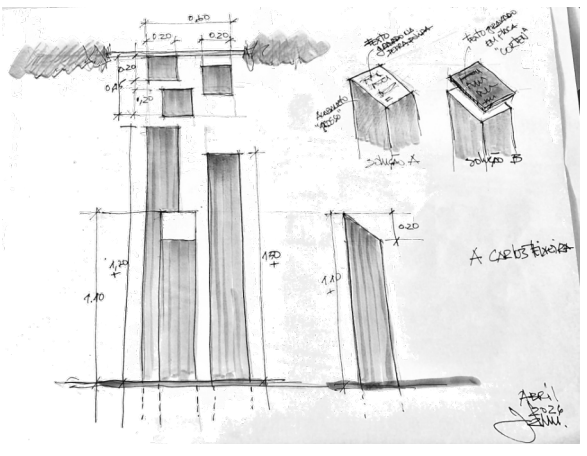
Por tudo isto e muito mais, a sua ausência física é profundamente sentida. Contudo, quem viveu com tanta intensidade, nunca desaparece por completo. Como escreveu José Saramago "aquilo que não foi esquecido continua vivo e presente". E o Carlos continuará sempre presente, será sempre uma candeia que ilumina.

Na nossa última conversa telefónica, após o envio de um poema, que soava a despedida, despedimo-nos com um abraço fraternal, com ele a dizer que não sabia se era um até já, ou até sempre...

E assim foi. Até sempre meu Irmão Carlos...

Ricardo Figueiredo

(Presidente da Assembleia Geral da Editorial Moura Pinto)



"memórial a de Carlos Maia Teixeira " em Folques
Projecto de Jorge Gonçalves de

Escrever sobre Carlos Teixeira é perpetuar o homem livre e de bons costumes. É um exercício de celebração à Humanidade, generosidade, paixão, genialidade, humildade, resiliência e de devoção a causas.

O Carlos marcou-nos.

Na dimensão da sua existência, ofereceu-nos prosa, poesia, fotografia e uma constante inquietação interior. Aquela efervescência de quem vive para todos.

Mia Couto escreveu o poema que transcrevo:

A SEMENTE

No inicio

Eu queira um instante

A flor.

Depois,

Nem a eternidade me bastava

E desejada a vertigem

Do incêndio partilhado.

O fruto.

Agora,

Quero apenas

O que havia antes de haver vida.

A semente.

E o Carlos, semeou várias.

Uma delas, semeou-a, junto com vários camaradas, sem regatearem esforços, num "solo" considerado por muitos pobre, esquecido e desprezado.

Sem novidade, e como não poderia deixar de ser, a radícula dessa semente emergiu sem medo, rompendo o "solo", criando antes as raízes, que serviram de base para o hepicolito crescer livre e independente, em direcção à luz.

Germinou a Editorial Moura Pinto.

E o fruto continua a ser colhido por todos, sem excepção, Carlos. Assim como idealizaste.

Asseguro-te que, mesmo em dias mais obscuros e frios, e por mais ervas daninhas que persistam em infestar este "solo", a semente não deixará de crescer.

Ciclo após ciclo.

Porque este "solo" continua a ser mobilizado com a força do teu Amor Fraterno.

Adubado com valores universais e inabaláveis.

Compactado com Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

A tua partida trouxe-nos uma dicotomia de sentimentos. A incompreensão da tua ausência e o amor que nos deixaste, que vive em nós, para sempre.

E é nestes tempos, que parecem tomados por Enio e Ares, que o teu exemplo nos dê o alento e a coragem de continuarmos em frente.

Carlos, a tua luz não se apagará.

Filipe Costa

Presidente da Direção da Editorial Moura Pinto

Trago-te comigo, Carlos Teixeira,

Trago-te no trago doce e no trago amargo das perguntas e das respostas , nas noites cruentas e nas manhãs esparsas.

Trago-te comigo porque as nossas conversas, que eram naturais lições do mestre, sendo, agora, silêncios, são clarões da tua resplandecente eloquência, que ainda me veste e perfuma o vento que me trespassa.

Faz-me falta a tua voz paciente, fazem-me falta a humidade terna dos teus olhos, não a oiço no volume vibratório das partículas de matéria, mas tu continuas presente. Não te deixamos partir de nós porque ainda respondes e responderás às dúvidas mais dolorosas dos nossos dias. Quando não sei o que dizer ou como pensar, sobre um assunto difícil, viro os olhos para oriente, dentro da minha cabeça onde ainda tens morada, onde a nascente do teu olhar ainda brilha, e sei como pensarias e sei como usar a tua inteligência e sabedoria. Não com a tua mestria, claro, mas tu decidiste ir na frente, como que dizendo: "agora, mesmo não sabendo o caminho, sabes como te orientar. Caminha. Não tarde, tens gente a quem ensinar e isso urge…".

Confesso que te trago comigo, nesse trago, entre o doce e o amargo. Estar contigo era comer, entre hortaliça e fino peixe, uma salada de culturas que tu temperavas sempre com um sal inesperado.

O trago que trago é amargo, o teu tamanho é do tamanho do espaço e vejo-te, nas noites em que as serranias se vêem quase até Espanha, desde o Açor até à Estrela. Procuro-te nos astros mais brilhantes e tu brilhas mais do que eles. Continuas por aí…

Obrigado Meu Querido e Fraterno Carlos Teixeira.

Trago-te num trago triplo de abraços, na esperança eterna de beber, de ti, ainda mais um pouco de Sabedoria, de Força e de Beleza.

Aos 14 de Maio de 2026,

Fraternalmente (**Zé Bigorna**)

Pelos Nossos Pais

Raquel Teixeira e Renato Teixeira

O nosso pai foi sempre nosso, mas nunca foi só nosso. Foi sempre inteiro a ser nosso, e nessa integridade, ensinou-nos que só podia ser nosso se fosse também vosso nos mesmos termos. Vosso médico. Vosso amigo. Vosso camarada. Irmão dos seus irmãos. Filho dos seus pais. Marido. Pai. Sempre por inteiro. Sempre com integridade. Sempre presente.

No nosso pai tudo tinha memória. Não somos nada sem ela, aprendemos desde a primeira lembrança. Foi sempre claro de onde vínhamos e para onde não queríamos ir. Foi sempre uma certeza que aquilo que somos é um mosaico grande da gente que nos fez gente e de quem fazemos parte.

No nosso pai tudo era palavra. Sobretudo na língua portuguesa que tanto gostava. Em cada palavra uma escolha precisa, bordada com cuidado joalheiro, na exata medida do que nos queria dizer. A palavra sempre foi uma certeza e, por isso mesmo, cada silêncio era também pejado de sentido. Encontrou até forma de nos contar através do sussurro das imagens, nos instantes fotográficos onde nos deixou, também, o seu olhar.

No nosso pai tudo era abraço e suporte sem contrapartidas. Em cada ausência, uma omnipresença. Em cada presença, um suspiro alheio. Ao nosso e ao vosso serviço. Em missão permanente entre o cuidar e o pensar a vida, o que somos ou não somos e o que podemos dar para transformar, por pouco que seja, o sítio onde vivemos.

No nosso pai o cuidado da história para dormir quando éramos crianças, quando os medos lutavam contra os sonhos sem armas iguais. Em cada história uma mensagem velada. Uma confiança. Uma solidariedade remanescente. Uma fraternidade transportada de personagem em personagem para semear em nós e em vocês o sentido de justiça e a força que precisamos.No vosso homem o cuidado e a disponibilidade constante, a clínica de proximidade que os tempos estão a tratar de demolir, onde o cuidado humano, o ouvir da palavra e a gentileza correm cada vez mais perigo.

Entre o pai que foi para nós, esteve sempre o homem que foi para os outros. Em ambos, a criança que nunca deixou que a vida levasse, mesmo nos momentos mais cruéis. A liberdade foi o chão com que viveu e nos criou. Foi o chão onde fez tudo. Que perdure. Cada dia em que o façamos estamos a dar mais chão a esse chão que nos deixou, dando mais sentido a essa ideia bonita, a única que nenhum dicionário ousou definir fronteiras.

O caminho dele segue em nós e em vocês. No nosso pai e no vosso homem. Em cada recanto e gente onde continuarão a viver os seus cuidados, os seus abraços, as suas palavras e as suas memórias.

Carlos Maia Teixeira, presente!

Carlos Teixeira: Celebrante da Esperança e do Otimismo

Era o sócio fundador número 3 da Editorial Moura Pinto: o médico dedicado, o poeta, o sonhador, e como testemunha vivencial, posso afirmar, o arganilense Carlos Maia Teixeira.

Quão memoráveis foram as noites de conversas acesas e profundas, plenas de sonhos a construir, ao lado de bons e devotados companheiros. Foi em Folques, onde a Graça ponteia com intervenções judiciosas de bom senso e inteligência.

Que saudades dessas noites de conversa descomprometida, onde o entusiasmo criativo nos impulsionava até aos limites do imaginável! Contudo, o contraditório, sempre presente, nos recordava que o impossível não passava de uma questão de tempo para se tornar realidade.

Carlos Teixeira pensava como poeta que era e, para nós, sua presença era incentivo e inspiração.

Para Carlos Teixeira, os sonhos jamais tinham um sabor amargo. Ele era uma personalidade luminosa, um adorador do sol que amava a vida e a vivia em plenitude, excessivo em esperança e otimismo. Tinha a convicção inabalável na redenção do ser humano e na busca incessante por uma sociedade onde a felicidade fosse possível.

Como um viajante insatisfeito, Carlos Teixeira traçou sempre novas rotas, explorando caminhos de beleza e excessos, que apenas os mais ousados são capazes de percorrer.

Foi um construtor incansável, trazendo diariamente as pedras que se ajustavam sabiamente ao arco da sabedoria, da paz e da harmonia.

Carlos irradiava alegria, otimismo e uma profunda crença na bondade do ser humano. Ao seu lado, sentia-se uma proximidade quase tangível a uma santidade laica: aquela que partilha, comungando a fé num mundo de paz e amor, sem fronteiras ou dogmas.

A sua vida não foi em vão, nem desperdiçada. Foi uma existência de doação, entrega, esperança e sonho. Carlos Teixeira não sucumbiu a nenhuma enfermidade comum, que os relatórios médicos nada dizem sobre o homem – ele esgotou-se na intensidade de viver, na ânsia de experimentar, por inteiro, os mais nobres desígnios da humanidade: lutar por ideias, por uma sociedade justa e livre, onde cada homem se realize plenamente, em paz e amor.

Este é o legado de Carlos Teixeira: nunca desistir, mesmo diante das curvas mais desafiadoras do caminho. E, com as pedras que nele encontramos, construir o templo maravilhoso deste mundo que habitamos.

Que saibamos, todos nós, honrar este legado e dele fazer o cajado que nos sustente e guie na jornada do amor e da fraternidade universal, o caminho que Carlos nos mostrou com tanta beleza e sabedoria.

Carlos Dias

É com júbilo e enorme satisfação que a Junta de Freguesia de Folques se associa à sentida e justa homenagem a Carlos Maia Teixeira, figura ímpar que residiu na nossa terra, onde deixou uma marca indelével na nossa Comunidade.

Como médico, dedicou a sua vida ao cuidado do próximo, exercendo a sua profissão com competência, humanidade e com um profundo sentido de missão.

A sua ação marcou gerações de utentes que nele encontraram não apenas um profissional exemplar, mas também um conselheiro atento e um ser humano excecional, portador de uma grande generosidade.

Carlos Teixeira, foi um ativo, dedicado e interessado por diversas causas em que esteve sempre fortemente empenhado, colocando o seu saber ao serviço dos outros., tal como ficou evidenciado na luta e na determinação que colocou pela construção do novo Lar da Assistência Folquense, obra à qual ficará sempre associado, dando ainda o seu contributo como empenhado Presidente da Assembleia de Freguesia de Folques.

Noutra faceta da sua intensa vida, Folques também representou uma inspiração para o poeta e escritor Carlos Teixeira.

Com rara sensibilidade, soube unir a ciência da medicina à arte da escrita.

Enquanto escritor, Carlos Teixeira revelou uma voz singular, capaz de traduzir em palavras as vivências, as emoções e a identidade da nossa terra. A sua obra constitui um valioso contributo cultural, preservando memórias e inspirando reflexões que perdurarão no tempo.

A sua ligação a Folques é motivo de orgulho para toda a comunidade. O seu legado, construído com dedicação, talento e altruísmo, permanecerá vivo na memória coletiva e continuará a inspirar as gerações vindouras.

Neste momento de reconhecimento, a Junta de Freguesia de Folques expressa a sua profunda gratidão e respeito, homenageando um homem cuja vida foi exemplo de serviço, cultura, solidariedade e humanismo.

O Presidente da Junta de Freguesia de Folques,

Paulo Jorge Travassos Batista

Dedicatória

Ao Dr. Carlos Maia Teixeira
(02/10/1950 – 14/01/2025)

Há vidas que, pela sua generosidade e profundidade, superam a barreira do tempo. Não se medem pelos anos vividos, mas pela marca indelével que gravam na terra e no coração daqueles que têm o privilégio de com elas caminhar. É com um sentimento de profunda admiração, saudade e gratidão que dedico estas breves palavras ao Dr. Carlos Maia Teixeira.

Muito além do médico de família excecional, o Dr. Teixeira foi um mentor, um camarada de ideais e de causas e um amigo insubstituível. Tendo adotado o concelho de Arganil e a freguesia de Folques como pátria do coração, fez destas serranias e das suas gentes a sua grande missão de vida. A sua visão, o seu empenho e o seu dinamismo deixaram uma pegada social profunda e decisiva na realização de grandes obras na nossa região. Recordar o seu nome é, por imperativo de justiça, lembrar o grande obreiro da continuidade e construção do Centro de Saúde Arganil e da concretização do Serviço de Urgência Básico (SUB), tendo sido, também, a alma por trás das novas instalações da Assistência Folquense e da Extensão de Saúde que aproximou os cuidados médicos da população local.

O seu legado, contudo, estende-se muito além da medicina. Homem de cultura renascentista, moveu-se com igual paixão pelo desporto, pelo associativismo, pela magia da fotografia e pela escrita, eternizada em poemas que viraram fados na voz e nas cordas da sua Coimbra natal. Na política e na cidadania ativa, recusou sempre as trincheiras do dogma, preferiu a tolerância, o diálogo e a fraternidade, escolhendo ver no outro não um adversário, mas um irmão.

É um dever de memória e uma honra imensa unir o meu testemunho à homenagem de um Homem que colocou a sua ciência e benemerência ao serviço de todos nós.

Que estas páginas guardem, para o futuro, o testemunho da visão, do desprendimento e do infinito amor do Dr. Carlos Maia Teixeira por Folques e por Arganil.

Cristina Figueiredo
(Presidente da Comissão Administrativa PS Arganil)

CANTO SUPERIOR DIREITO

Deixaste todas as metades das metades que foram o teu todo

Nessas metades, das metades de ti, ficou a integridade, a fraternidade e a justiça e o grande humanismo por todos reconhecido

Numa das metades das metades fica a rectidão do esquadro, a medida certa no padrão do compasso, a verticalidade do fio de prumo e a perfeição no alisar da trolha.

Uma vida limpa.

As metades das metades que se encontram num vértice perfeito, assente no canto superior direito: Escrito, proclamado, aprovado e aceite.

Levaste as vivências Coimbrãs mas também da Ilha do Corvo. Falta-nos o ser humano de curas, reflectido em nós e nos teus doentes

Deixaste o testemunho, o vestígio, a pegada e o contágio do fado de Coimbra, na guitarra do Paredes, na voz do Zeca e a decomposição da palavra O-BRI-GA-DO!...

Deixaste a reflexão dos passeios na Quinta das Lágrimas, mas também em Arganil e Folques, metades das metades, que se unem no Templo Fernando Vale em Coja.

Uma pequena metade das metades fica no canto dos teus versos, no carregar dos “r” e no olhar directo e profundo, expressão de verdade, plasmada na leitura e récita dos teus escritos

Deixaste as metades das metades na tua família, mas também, nos amigos obreiros, juntos no aperfeiçoamento do ser humano

Tentamos reunir, tantas que são, as metades das metades, que nos deixaste. Procuramos na lavra da tua pena, nas tuas fotografias, na tua dedicação ao outro, aos outros, e!... são tantos os testemunhos que nos deixaste. Como dizias: “algo para continuar”.

Sim, Sim e Sim! Tudo o que nos deixaste é grande e perfeito, dá força, é beleza e também positivismo.

Metade de nós está triste a outra metade também nosso querido amigo e irmão

Todas as metades das metades dizem: “Até Sempre”

As outras metades das metades dizem: Estás sempre aqui.

Estás Sempre dentro do nosso coração,

Carlos Teixeira e José Ricardo.

José Justino

UM MÉDICO, UM AMIGO, UM IRMÃO!...

Conheci o Carlos Teixeira, em Coja, na casa do Dr. Fernando Valle, em 1990, há mais de 30 anos.

Dele sabia apenas que era médico com grandes serviços prestados à comunidade. Ficámos amigos e fizemos um percurso sempre juntos, em que percorremos milhares de quilómetros, a caminho do Porto, e não só, com a companhia do Castanheira Jorge, outro amigo que também já partiu, e muito cedo me apercebi da sua coerência e generosidade.

Ao Carlos Teixeira, um homem para servir causas, foi-lhe reservado um cantinho tão grande como o dos inesquecíveis combatentes pela Liberdade, pela Igualdade, e pela Fraternidade, enquanto seus valores de referência, que fez do quotidiano uma constante prova de esperança, ensinando ao semelhante as virtudes da democracia, que tinha nele um pedagogo.

As suas convicções nobres, a que os céticos chamam utopia, deram à sua vida a sabedoria, a força e a beleza que o tronaram um cidadão exemplar, uma referência ética e moral, um modelo, um estímulo e um motivo de admiração.

Sincero, solidário, “a tolerância que sempre expressou foi uma maneira de ser e uma atitude de respeito para com as outras pessoas”.

Já não tive oportunidade de satisfazer um seu pedido, em que numa mensagem, me pediu para o visitar, em Coimbra, na Brotero 24, 1.º Dto., para matar saudades, pôr a conversa em dia e comentar o aumento de salário que tivemos.

E porque os amigos só morrem quando nos esquecemos deles.

Até sempre, meu irmão!...

Casimiro Nogueira

FOLQUES

EDITORIAL MOURA PINTO

CONVITE

A Editorial Moura Pinto e a Junta de Freguesia de Folques têm a honra de convidar Vª Exa. para a Homenagem ao Dr. Carlos Maia Teixeira que irá decorrer no dia 10 de junho, de acordo com o seguinte

Programa

15,00h – Sessão na Sede da Junta de Freguesia de Folques
16,00h – Descerramento de placa na residência de Carlos Maia Teixeira
16,20h – Inauguração de memorial no Largo do Terreiro

Agradecemos confirmação da presença

CIENTISTA, HUMANISTA E OBREIRISTA

Na sua simplicidade ingénua, o aforismo sentencia que “quem desaparece…esquece”. Trata-se de um conceito popular e perigosamente redutor, na medida em que não tem em conta que a memória não é um simples armazém, de coisas velhas e inúteis.

Em termos mais concretos, o que, de forma simples, se pode dizer é que a memória, para além de poder preservar, também possui a capacidade de selecionar de modo que os conhecimentos possam ser transmitidos, para não serem esquecidos.

E é neste contexto de utilização da memória como forma de reavivar o que não queremos esquecer que, recordamos a forma como o dr. Carlos Maia Teixeira deu sentido à vida nas suas diversas facetas, nomeadamente, de médico e cidadão esclarecido, e que encontrou na literatura a forma de acentuar as marcas da caminhada da existência.

Mas quando se aborda a faceta literária do dr. Carlos Maia Teixeira, julgamos que se torna indispensável recuperar o pensamento de Miguel Torga (que também exerceu clínica em Arganil), realçando o seu pensamento sobre a questão de tantos médicos se dedicarem à literatura. No seu famoso Diário, ao mesmo tempo que se interrogava, também esclarecia : “Não é ela [Medicina] que os dá. Limita-se, simplesmente a preservar esse dom aos que nasceram com ele, o que já não é pouco (…) O médico, como tal, nem pode fechar as portas da alma nem apagar a luz do entendimento. É todo o ser humano que o solicita a todas as horas: o que sofre, o que simula, o que teme e o que desvaria”. E concluía Miguel Torga: ”Por isso, quando o acaso sobrepõe a uma vocação criadora uma condenação clínica, não há dramas sangrentos. A caneta que escreve é a mesma que prescreve, revezam-se harmoniosamente na mesma mão”.

Perante esta interpretação ausência, nada mais deveria ser dito, ou escrito. Mas, seja permitida uma transgressão, em nome de uma pontinha de saudosa vaidade, por nos ter cabido a honra de ter sido o primeiro a dar publicidade à estreia literária do Carlos, há já algumas décadas, nas páginas do Diário de Coimbra.

Não se tratou, obviamente, de nenhuma recensão literária, mas houve, indubitavelmente, a vontade (modesta), tanto de incentivar quem tivera a coragem de num meio acanhado se aventurar nos caminhos literários, como de provar que esse apetite cultural não nascera do nada.

Sendo então afirmado que o Carlos “não escrevia para matar o tempo, mas sim, para refazer o tempo” queria-se com isso dizer que ele reencontrara em Folques, o “sentido de família” que passou a respirar conjuntamente com a Graça (sentido que foi reforçado com o aparecimento da Marta Raquel), momentos que lhe tonificaram, e de que maneira, o coração.

Inserido, efetiva e totalmente, no “espírito folquense”, não conseguiu ficar indiferente à mensagem daqueles “homens bons e leais” que por ocasião do tenebroso surto pandémico apelidado de “febre pneumónica”, fundaram em 1919, a Assistência Folquense, destinada a proteger idosos e órfãos, e que foi a primeira instituição do seu género (de cariz laico), a ser constituída no concelho e na região.

Posteriormente, os mesmos ideólogos (agora num âmbito mais alargado) viriam a incentivar e apoiar a fundação, em setembro de 1924, da primeira coletividade de cultura e recreio do concelho, o Clube Recreativo Folquense que antecedeu em alguns meses o nascimento da Sociedade Recreativa Argus, no seio da qual foi gerada a atual corporação dos Bombeiros Voluntários de Arganil.

A intenção de remexer estas cinzas do passado tem, como causa primeira, a necessidade de recordar que o dr. Carlos Maia Teixeira foi dirigente (interveniente) dessas instituições. Mas também, e se possível, iluminar o passado, de modo a evitar que a memória seja envolta pela penumbra, ou que engrosse as páginas esmaecidas de publicações esquecidas.

De certo modo, a postura cívica do dr. Carlos Maia Teixeira remete-nos para o célebre filósofo Ortega y Gasset, teorizador da relação do homem com as suas circunstâncias, que, entre os muitos pensamentos que legou à posteridade, salienta-se o que, no caso concreto, ganha especial atualidade, por afirmar que ”Quando recordamos as pessoas que se evidenciaram pelas suas ações, voltamos a tê-las nos nossos corações”

Mas no “curriculum” de cidadão de corpo inteiro que foi o dr. Carlos Maia Teixeira também sobressai o sonho que teve em fazer sair das serranias circundantes, o que podia ter individualizado e valorizado a identidade histórico-cultural concelhia.

E desse sonho nasceu a realização dos “Encontros do Mosteiro”, quando corria o ano de 1997, odisseia, materializada conjuntamente com o seu amigo, o cojense e reputado ator Sinde Filipe.

Tendo redundado numa multifacetada manifestação artística, inédita nestas paragens, esses “Encontros” bem poderiam ter servido para reavivar uma tradição de que o concelho se devia orgulhar, para além de revitalizar o Mosteiro de Folques (a mais antiga instituição monástica da região) que mereceu menção nas páginas da obra literária do celebrado filósofo, jurista e poeta que foi Teixeira de Pascoais.

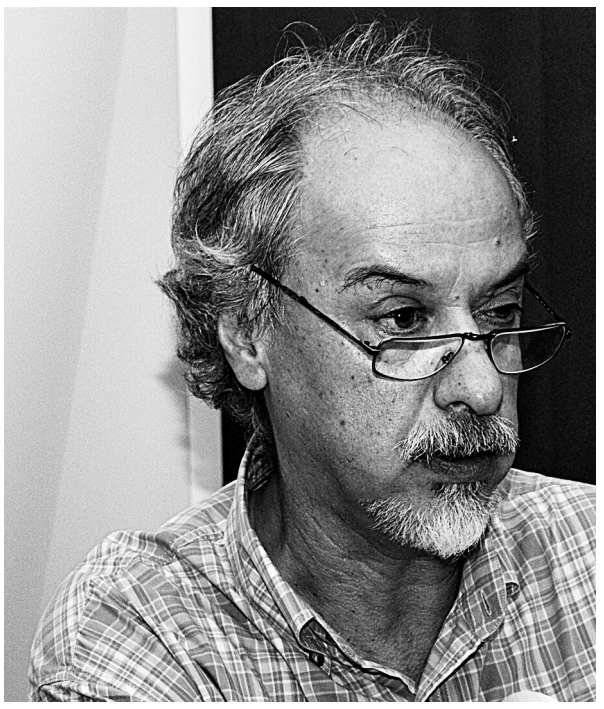
Mas, infelizmente, os “Encontros do Mosteiro” não passaram de uma única edição, não obstante a riqueza do seu programa, que foi da música ao teatro, passando pela literatura e artes plásticas, com a participação de nomes de relevo nacional. Por tudo o que fica dito, a herança dessa realização não pode se reduzida a uma simples lembrança, porque é importante ter em conta que o presente deve ser construído sobre a memória, e não sobre o esquecimento.

Por outras palavras: os “Encontros do Mosteiro” deveriam ter sido um “farol cultural concelhio”, tendo em conta o seu conteúdo, bem como o cenário em que decorreu e que o citado Teixeira de Pascoais, identificou como “uma casa antiga, num antigo ermo e num silêncio antigo (…)”.

E, com a devida vénia a tão ilustre figura das letras portuguesas, ousamos recorrer às suas reflexões para um mais completo enquadramento da mensagem que esta homenagem encerra. Ou seja: defendia Teixeira de Pascoais que na condição de “ser português”, a “Saudade” representa “um sentimento superior”, assim como considera que a Memória ”é um museu, uma variedade de estátuas e quadros; uns animados pela dor, outros pela alegria. E todos surgem ao luar que encanta a noite do passado”.

Glosando, respeitosamente, o reputado literato de Amarante, cumpre acrescentar que é, efetivamente, nesse “museu” que revive a Saudade do nosso Carlos, cuja existência foi, efetivamente, orientada por sentimentos superiores.

A.C. Quaresma Ventura



REQUIEM PARA CARLOS TEIXEIRA

Eu conheci o Carlos mal.

Eu convivi pouco com o Carlos.

Eu apoiei o Dr. Carlos Teixeira.

Almocei raramente com o Teixeira.

Ouvi algumas vezes o inefável Teixeira e prolongadamente o escutei.

Li-o incompletamente, obliquamente, nos seus infindáveis balaústres.

Apreciei muitos escritos, mais do que pensava, do poeta Carlos Teixeira.

Adorei o burro, a história asinina, contada sufocadamente pelo Queiroga.

Eu estive onde o Carlos me convocou.

Reflecti, confesso que por vezes reflecti sobre as palavras alinhadas.

Discordei também e muito apreciei grandes escritos do nosso querido amigo Carlos T.

Mensagens, mails, telefonemas, raros, mas trocámos. Distantes, mas trocámos.

Visitei-o uma vez, uma só vez (como na prova do cálice misterioso) já na subida ao céu, e consegui ainda ouvir a sua confissão.

Não o absolvi porque ele não pediu perdão. Não era confessável. Não era perdoável. Aceitou a passagem, mas foi contrariado. Ele sabia que tinha deixado muito por fazer. Ele sabia que devia chegar ao fim. O Carlos Teixeira precisava que o deixassem chegar ao fim.

O fim chegou, mas ele não.

Manuel Seixas

Distribuído gratuitamente, em Folques, no dia 10 de Junho de 2026.

Homenagem da Editorial Moura Pinto e da Junta de Fregusia de Folques.

fotografia Carlos Teixeira •Macau

EDITORIAL MOURA PINTO

GAAC
Pró-Associação 8 de Maio